

EDITORIAL

O presente número de Estudos Bíblicos propôs-se a refletir sobre o diabo, os demônios e outros poderes satânicos, enquanto expressões para poderes contrários a Deus. As contribuições abordam tanto o Antigo Testamento como o Novo. Alguns artigos são de cunho abrangente, outros se concentram mais num determinado livro ou em certos textos específicos.

1. Nosso caderno inicia com um estudo sobre as várias concepções do diabo e demônios na obra de Guimarães Rosa: Grande Sertão: Veredas: “O diabo não há! Existe é homem humano!” Seu autor, Itacir Brassiani, defende a seguinte hipótese de trabalho:

“Guimarães Rosa aborda, mediante uma narrativa épica e na linguagem do homem sertanejo, a questão do Homem e da Transcendência na História. Para afirmar a Liberdade do Homem na História, desenvolve a mediação humana e histórica da ação de Deus. Para afirmar a bondade e parceria de Deus com o Homem, nega a existência do diabo enquanto dominação absoluta e anulação da liberdade. Situa a origem do mal no interior obscuro do próprio Homem ou nas forças sociais de domínio. Aborda a questão do diabo e do pacto com ele como estratégia para afirmar sua não-existência e responsabilizar o Homem pelo que acontece na sociedade humana”.

2. A partir de textos do Antigo Testamento, três autores, Nelson Kilpp, Inácio Pinzetta e Renatus Porath, nos apresentam estudos que procuram acercar-se do simbolismo, das metáforas e representações do mal, levando em consideração a amplitude do testemunho dos textos bíblicos.

Nelson Kilpp procura oferecer-nos uma síntese sobre Os poderes demoníacos no Antigo Testamento. Neste estudo, analisa os termos do Antigo Testamento que real ou supostamente são designativos de poderes demoníacos. Inicia com uma breve abordagem do fenômeno a partir dos resultados da Ciência das Religiões, analisa e discute os textos bíblicos mais importantes vinculados ao tema, procura traçar algumas consequências da exigência monolátrica em Israel para a crença em demônios e apresenta uma lista bastante exaustiva de termos que têm ou tiveram algo a ver com esta crença.

A tese de Kilpp é que “o Antigo Testamento é bastante sóbrio e recatado em sua ‘demonologia’”, e isto, sobretudo pela sua fé monoteísta, segundo a qual nada supera o poder de Javé e tudo pode e deve ser explicado a partir dele, também os males e as desgraças. A dúvida em relação a este tipo de fé abre as portas para o pensamento dualista, como de fato aconteceu em Israel, sobretudo após o exílio.

O estudo de Inácio Pinzetta sobre O mal e suas determinações na história concentra-se nas metáforas usadas pela literatura do Antigo Testamento e, por extensão, do Novo Testamento para expressar a brutalidade do mal. Segundo Pinzetta, tais me-

táforas “são rigorosamente a imagem do feio, do horrível, daquilo que incute no ser humano o sentimento profundo do medo e da angústia”. Mas há que se constatar também que, paralelamente, “o mal sabe apresentar-se com elegância e consegue, neste seu jogo de duplicidade, atrair e afastar, como mostra a bela mulher do capítulo 17 do Apocalipse”. Mas as metáforas não deixam de ser recursos de expressão relativos. Por isso, a tese do autor é a de que, “muito além, ou aquém das metáforas, o mal está presente na história da humanidade e faz seu percurso junto com o ser humano, mostrando surpreendentemente novas e perigosas faces, às quais cabe opor-se, caso quisermos conquistar o espaço proposto por Deus e sempre sonhado pelo homem”.

O artigo *Lúcifer – A evolução de um simbolismo do mal*, de Rénatus Porath, procura situar no contexto da história de fé do antigo Israel, do judaísmo tardio e da comunidade cristã esta expressão figurativa para o poder do mal, experienciado como ameaçador e até destruidor de relações. “Lúcifer” é o termo latino que em Is 14,12 é colocado como tradução para “estrela d’alva”, derivada do hebraico helel: “Como caíste do céu, ó estrela d’alva, filho da aurora! Como foste atirado à terra, vencedor das nações”. Destaca-se que esta forma de dar um significado simbólico para uma realidade insustentável do mal privilegia uma linguagem que tende ao dualismo. Ao lado dela, existiam ainda outras explicações, por vezes bem mais radicais, para os poderes contrários a Deus, sobretudo porque os situavam não fora, mas no seio do próprio povo, ou então no coração mesmo das pessoas más.

3. Outros estudos sobre o Antigo Testamento reportam-se a textos ou livros específicos. São eles:

Günther Wolff: *O Projeto do Jardim x O Projeto da Serpente* (Gn 2,4–3,24). O autor interpreta Gn 3 como retroprojeção para a proto-história das condições de vida vigentes entre a classe camponesa sob a monarquia israelita. Estas condições representam o “projeto da serpente”, do diabo, que se caracteriza pela animosidade de gênero, pelo embrutecimento do trabalho e pela quebra da relação harmoniosa entre os seres e seu mundo ambiente. O relato de Gn 2 deixa entrever uma utopia da volta ao jardim, testemunhada também em outros textos, como Is 65,7-25 e Am 9,11-15.

Plínio R. Maldaner: *Deus e o diabo na roça*. Plínio procura pela gênese das crenças no diabo entre o povo da roça. Qual é a explicação popular que se dá ao mal e por quê? O autor escreve de Hulha Negra, uma região que tem se notabilizado por conflitos entre proprietários e Sem-Terra. Entende que há uma série de explicações para a origem do mal e a conseqüente desgraça de agricultores. Projetar a causa do mal no diabo é confessar-se, até certo ponto, incapaz de fazer frente ao mesmo. Mas, entre agricultores, essa percepção pode dar lugar a uma outra, que descobre as causas do mal na imanência e que, ao invés de fomentar resignação, conclama para a resistência e luta.

Peter Nash e Elaine Gleci Neuenfeldt: *De magia e demônios – Os processos de exclusão e marginalização do/a outro/a*. Este artigo compreende três partes. A primeira faz um levantamento de práticas de magia no mundo circundante do antigo Israel, com ênfase nas práticas mágicas relacionadas ao mundo doméstico no Egito. A segunda reflete o processo de discriminação que incide sobre certas práticas por parte

da redação do Primeiro Testamento, qualificando-as como demoníacas. A terceira apresenta inúmeros textos testemunhados pelo AT que comprovam este processo. Ao final, procura-se por um posicionamento em que o significado de todo este procedimento torna-se transparente em suas implicações para as mulheres e homens: Para as primeiras, dado que, em razão de suas práticas, costumavam ser estigmatizadas; para os últimos, pela razão de que costumavam deter o poder de enquadrar as práticas dentro do teologicamente permissível ou proibitivo.

Humberto Maiztegui Gonçalves: Jó 1–2 e 42,7-17: A pessoa humana manipulada por Deus e satanás ou sujeito da história junto ao Deus da vida? *Este estudo faz uma reflexão sobre o pensamento mágico em relação ao destino humano como uma característica da pessoa humana desde os tempos antigos (cujas tradições são resgatadas pelo livro de Jó) e que continua até os dias atuais. Resgata também a importância do prólogo e do epílogo do livro de Jó, não apenas como marco da obra, mas como seu pano de fundo. A partir desta reflexão, o autor mostra que o livro de Jó apresenta a superação dos medos mágicos em relação ao destino, reage contra as teologias que aumentam o sofrimento, propõe a ação solidária dos seres humanos como sujeitos de sua própria história coletiva e individual e, finalmente, apresenta uma nova experiência da divindade que, a partir da superação do pensamento mágico, se apresenta como o Deus da Vida.*

4. *A última parte deste caderno apresenta estudos relacionados com as concepções sobre diabo/demônios no NT. Lamentavelmente um exame sistemático deste tema para a segunda parte da Bíblia não pôde ser escrito, razão pela qual as contribuições sobre o NT reduziram-se para duas e apresentam aspectos concernentes a escritos específicos, a saber, ao evangelho de Marcos e ao livro do Apocalipse. São eles:*

Irineu Rabuske: O programa de Jesus: amarrar o forte Satanás (Mc 3,20-30). *No evangelho de Marcos a prática exorcista de Jesus aparece com especial relevância. Mais ainda, expulsar demônios tem para o evangelista verdadeiro valor de programa. Na controvérsia de Belzebu isso transparece com bastante clareza, especialmente em Mc 3,27. Essa controvérsia consta também na fonte Q. A partir dessa constatação justifica-se a hipótese de que o valor programático dos exorcismos não seja mero artifício redacional. O próprio Jesus histórico deve ter visto sua missão dessa maneira. Com isso também se justifica a preocupação por uma atualização hermenêutica das narrativas de exorcismo.*

Nestor Friedrich: A besta no Apocalipse: uma descrição. *Neste estudo é apresentado um quadro comparativo daqueles textos no Apocalipse em que ocorre uma referência à besta. A análise procura mostrar como o próprio livro do Apocalipse desmascara este poder demoníaco antagônico a Deus e ao Cordeiro, apontando simbolicamente para sua dimensão interior (ideologia) = besta, e a sua manifestação exterior concreta = reis, Roma, poder do Império Romano.*

O objetivo precípua deste número dedicado a diabo e demônios como poderes contrários a Deus foi, desde o seu início, o desejo de contribuir para que tanto a origem quanto a diversidade dos símbolos bíblicos do mal pudessem ser melhor assimi-

ladas e, por extensão, melhor vertidas em sua importância para a moderna discussão do fenômeno. A leitura prévia dos vários ensaios certificou-nos do seguinte:

1. A origem das representações bíblicas do mal é diversificada, mas encontra-se sempre, de uma ou outra forma, atrelada a agentes históricos concretos, seja em forma de pessoas, grupos ou povos dominadores e opressores, seja em forma de estruturas alienantes e excludentes, seja em forma de condições de subvida, geradas por fome ou doenças de corpo e mente. Há, no fundo, duas maneiras de atacar o problema: Vai-se às raízes do mal, tornando-se radical, e combate-se demônios e diabo em suas manifestações históricas concretas e com os recursos que as ciências políticas, sociais, a medicina, a psicanálise, entre outras, oferecem. Ou, então, procura-se tirar pessoas do seu envolvimento com o mal, através de práticas exorcizantes múltiplas, mas sem, necessariamente, erradicar o mal pela sua base e combatê-lo em suas origens últimas. Neste caso, para cada crente exorcizado costumam aparecer rapidamente dez novos “possessos”. Não há como negar que, dessa forma, resolvem-se de fato alguns problemas pessoais. Mas não se elimina o problema de fundo. E esse problema de fundo é, para a Bíblia, em sua essência, gerado não fora, mas dentro das pessoas. Ela refere-se, particularmente, ao “coração” da pessoa humana, afirmando ser mau o seu desígnio, desde a sua mocidade (Gn 6,5; 8,21). Essa origem é reafirmada por Jesus (Mc 7,15-23) e Paulo (Rm 7,7-25). Significa que, para o combate efetivo ao diabo, é preciso atuar em duas frentes: Junto às pessoas vitimadas pelo mal, para que se libertem de suas influências e dependências; e, junto às pessoas agentes do mal e interessadas em sua proliferação, para que possam ser combatidas em seus interesses escusos e em sua insensibilidade diante da desgraça alheia. Para todas as pessoas engajadas nesta luta contra o diabo em todas as suas modernas ou arcaicas manifestações, seja lembrado o eloqüente testemunho do NT: É a cruz e o sangue de Jesus (Jo 12,31; Ap 12,10; cf. Hb 2,14), ou seja, é o seu ato extremo de amor e solidariedade que, de acordo com o testemunho dos primeiros cristãos, encontra-se na raiz da vitória sobre o mal. Qualquer vitória sobre o diabo que não vier revestida de amor e solidariedade estará fadada a ser circunstancial ou arbitrária.

2. Há um consenso entre os autores/as de que a diversidade das representações do mal não é casual ou neutra. Ela encontra-se, sempre, diretamente relacionada com a percepção e as experiências que os/as crentes realizam com o mal em situações e tempos distintos. Será casualidade que em comunidades perseguidas o diabo apareça como acusador dos irmãos (Ap 12,10), em outras que viviam o estigma de sociais como o difamador (IPd 5,8) e em outras ainda, nas quais confessar a Cristo podia levar à morte, como homicida e mentiroso (Jo 8,44)? O estudo sobre a diversidade das representações bíblicas do mal é pertinente. Ele poderá ajudar-nos no melhor entendimento dos nomes que também empregamos hoje em dia para designar o mesmo fenômeno. O estudo sobre a obra de Guimarães Rosa, apresentado por Itacir Brassiani, por exemplo, nos dá uma exata idéia da riqueza de representações populares sobre o diabo. Essas representações tornam transparente como o povo sente e percebe o mal. E é justamente a partir de tais percepções que trabalhos de evangelização devem construir pontes e estratégias para fazer frente ao mesmo.

Uwe Wegner